

## ENTREVISTA

### OS DESAFIOS E ENFRENTAMENTOS DA PESQUISA DA LITERATURA ORAL NO BRASIL DE HOJE

Entrevistado Prof. Dr. Frederico Fernandes  
Entrevista concedida a José Luiz da S. Lima<sup>1</sup>



Frederico Garcia Fernandes (foto) é graduado em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, mestre e doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e com pós-doutorado no Canadá (Programa Visiting International Scholar, da Brock University (2008-2009), e na Itália na Università di Bologna (2014-2015). É professor e membro do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina — UEL. Foi um dos criadores da revista Boitatá, durante o período que co-

---

<sup>1</sup> Mestrando em Crítica Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro fundador e Diretor do IMAQ – Instituto Maria Quitéria – Feira de Santana-BA. Endereço eletrônico: joseluizlima.imaq@gmail.com.

ordenou o GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL (2004-2008).

Frederico Garcia Fernandes é uma das maiores autoridades no Brasil em Literatura Oral e Popular sendo um dos seus campos de pesquisa voltado para as relações entre oralidade, sonoridade e literatura. Escreveu vários livros, coletâneas, participação em bancas e organizou eventos sobre o tema, além de artigos e também a tradução de obras. Vêm contribuindo substancialmente para a reflexão sobre a produção poética da letra e da voz, tendo como objeto de pesquisa a investigação de mitos, lendas e causos de moradores ribeirinhos do Pantanal sulmatogrossense, a poesia urbana de rappers londrinenses e a poesia neovanguardista performática circulada em festivais poéticos italianos. No ano passado, em junho de 2018, o Prof<sup>o</sup> Frederico Fernandes foi eleito como presidente da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) — biênio 2018/2020.

Aqui, em entrevista exclusiva para Revista Zero Grau, Frederico Fernandes nos fala um pouco sobre sua trajetória de pesquisa na investigação da Literatura Oral e Popular; dos seus projetos e da sua gestão à frente da ANPOLL, organização do Festival Literário de Londrina — Londrix como também, traça um panorama das perspectivas da literatura oral e popular no Brasil; diante cenário político-econômico e cultural brasileiro.

**Luiz Lima:** Professor Fred, é muito bem delineado seu interesse e dedicação aos estudos das poéticas orais. O senhor poderia nos falar sobre como surgiu o interesse sobre o tema e o que ele tem representado para sua vida acadêmica e pessoal?

**Frederico:** Eu comecei a trabalhar com as poéticas orais no início dos anos 90, mais por influência dos historiadores. Na ocasião, eu morava em Corumbá, no Mato Grosso do Sul e cursava o segundo ano do curso de Letras, pude participar do projeto de pesquisa sobre o Golpe de 64 no Mato Grosso do Sul, no qual, a partir de entrevistas de História Oral, com antigos presos políticos, podíamos ter uma dimensão do que fora a repressão nos rincões brasi-

leiros. Aquilo, para mim, que era de Letras, serviu como um farto material para entender o que era História e Literatura, como se constituía a experiência na narrativa e como a oralidade e a performance atravessavam aquilo tudo. Logo em seguida, para não dizer quase concomitantemente, eu e meu orientador, o prof. Eudes Fernando Leite, que viria a se tornar meu grande parceiro de investigação ao longo de mais de uma década nos trabalhos com o Pantanal, começamos a nos interessar por narrativas de moradores ribeirinhos de Corumbá e o projeto foi ganhando corpo. Eu me lembro que a primeira vez que ouvi falar de um mito pantaneiro foi o mito do Minhocão. Eu sou um paulistano, nascido e criado em São Paulo e o único minhocão que conhecia era a Via Elevada Presidente João Goulart, um viaduto longo popularmente conhecido como minhocão. Eu fui me interessando pelas histórias que me contavam sobre o Minhocão em Corumbá, que virava embarcações, que desterrava as casas próximas às margens dos rios, que era o “dono das águas, no rebojo”... e uma história foi levando a outras: negrinho d’água, boi d’água, saci, mãozão, curupira, até que vi que elas dariam um projeto de pesquisa na área de Letras sobre narrativas orais pantaneiras. Em 1995, eu iniciei meu mestrado em Letras na Unesp de Assis, e continuei minhas investigações sobre o Pantanal, depois veio o doutorado em 1999, um pós-doutorado em 2008, junto à Brock University no Canadá, sempre tendo como tema a questão da oralidade.

O fato de ter concentrado basicamente minha graduação, meu mestrado e doutorado em toda década de 90 fez com que eu também vivesse a transição do estruturalismo para o pós-estruturalismo nos cursos de letras em que frequentei. Além disso, eu e toda minha geração fomos muito influenciados pelo culturalismo, o que, de certo modo, contribuiu, para as teses que vínhamos disseminando sobre nossas pesquisas em poéticas orais. Lembro que, no doutorado, havia por parte de muitos professores de Letras do programa uma atitude refratária diante do tema de minha pesquisa, por entendê-la como algo pertinente à Antropologia, à Sociologia, à História ou até mesmo à Comunicação e à Semiótica, com a dificuldade de compreender as poéticas orais e a performan-

ce como algo pertencente ao campo dos Estudos Literários. E aqui residia algo que parece ser o espírito mais contraditório das Letras, uma vez que a base literária está na epopeia antiga, que era transmitida oralmente, pela voz do aedo ou do rapsodo com o “canto da verdade”.

Nos anos 2000, eu e os pesquisadores do Grupo de Trabalho de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, a ANPOLL, um grupo a quem eu devo não apenas a amizade ao longo dos mais de 20 anos de trabalhos dedicados à pesquisa em poéticas orais, mas também a parceria, a generosidade acadêmica (algo raro em tempos brutos), as trocas bibliográficas, os convites de trabalhos que muito me enriqueceram e me fizeram conhecer o Brasil em seus detalhes, cresceu e solidificou em vários programas de pós-graduação os estudos em poéticas orais, desde o Rio Grande do Sul até o Pará, seja com disciplinas ou linhas e grupos de pesquisa, com revistas, como a consolidada *Boitatá*, até o Portal de Poéticas Oraís.

A nossa geração precisou trilhar seus próprios caminhos, fazer suas próprias descobertas. A ideia de uma poesia enraizada, isto é, voltada para grupo, capaz de expressar os anseios coletivos, já estava na base dos trabalhos de Antonio Candido, com *Parceiros do Rio Bonito*, nos anos 50, mas acredito que começamos a observar esta voz em meio às transformações sociais de um mundo globalizado e digitalizado, um mundo em que a Inteligência Artificial (IA) é ao mesmo tempo um acontecimento capaz de provocar êxtase e nos terrorificar. A voz poética das comunidades tem me dado uma lição importante sobre a cura. Não a cura no sentido da autoajuda. Do conhecimento da programação linguística, propagado na sociedade do espetáculo. Mas a cura no sentido do cuidado e do cuidar. Do olhar para a tradição, do reconhecimento da autoridade e do papel do narrador, do recuperar a voz da verdade no grupo, do chão que nos falta quando vivemos conflitos de identidade ou quando a ordem linguístico-comunicacional não consegue avançar para além do efêmero prazer do consumo. Aí efetivamente está a importância

da poesia nos tempos de hoje: ela aponta um sentido para a vida, ao passo que demonstra que em grupo existimos e com a voz nos curamos. Isso pode até parecer meio profético e pouco literário, mas aí está, a meu ver, o grande valor da crítica literária, observar e apontar essa capacidade curadora da poesia e da literatura, suas estratégias de associação de grupos e de criação. Numa época em que supercomputadores são capazes de fazer textos hiperargumentativos melhores que o de muitos doutores em Letras, são capazes de escrever romances e narrativas estilizadas, o que fará a diferença entre os seres humanos e eles será a capacidade que teremos de amar. Se a crítica literária não souber observar isso num texto, ela estará fadada ao silenciamento. Curar é, no limite do cuidar, um ato de amor.

**Luiz Lima:** Professor, em entrevista sua para a Agência UEL de Notícias, logo depois da sua eleição na ANPOLL, o senhor fala que “a proposta da nova gestão é discutir a inserção da Língua Portuguesa em blocos econômicos da nova geopolítica mundial, BRICS e Mercosul”. Hoje, no Brasil, o governo Bolsonaro está se alinhando mais aos EUA do que aos BRICS e ao Mercosul. Como o senhor vê esse movimento geopolítico do governo brasileiro e qual o diagnóstico que faz deste seu pensamento inicial com o panorama que ora se apresenta no país?

**Frederico:** Eu gostaria de fazer uma consideração, se me permite, que vai um pouco além de sua questão, mas que é fundamental para respondê-la. Jair Bolsonaro foi eleito sob o voto de protesto radical. Não havia um projeto de governo claro. Não houve debate, ele se ausentou da mídia para manter sua popularidade alta. É preciso entender esse fenômeno no Brasil. É algo que começou com as Jornadas de 2013 e desde então estamos passando por um embrutecimento cada vez mais acentuado das ideias e dos debates. Não foi dada a devida atenção às Jornadas de 2013, apesar de ter havido vários debates e interpretações na academia, eu mesmo cheguei a produzir algo sobre política e poesia, fazendo uma análise das performances durante as manifestações. Mas o que digo é que a sociedade e a mídia não abraçaram o debate, usa-

ram as Jornadas como o espetáculo do noticiário, mas não chegaram a produzir uma narrativa que desse conta dos acontecimentos e, por isso, ficaram na superficialidade dos fatos, sem atingir a subjetividade dos acontecimentos. A sociedade brasileira não tomou o remédio para a cura do que viveu nas ruas em 2013, o que assistimos foi um movimento de várias reivindicações numa ordem dispersa, sem uma proposição política objetiva. Não temos uma narrativa que traduza 2013 para os milhares de jovens que viveram seus protestos. Preferimos recolher o acontecimento no limbo de um pseudo esquecimento e o vírus reprimido fez um estrago muito maior nas eleições de 2018. O “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda transformou-se numa espécie de “bocó-do-que-se-dane”, caracterizado pela aversão ao altruísmo, pelo uso da meritocracia como justificativa para exclusão, pelo revisionismo histórico do fascismo e do nazismo, da ditadura no caso brasileiro, tomam deliberadamente a via do armamentismo como forma de diminuição da violência. Está claro que os 8 massacres que tivemos em escolas brasileiras desde 2002 foi porque os assassinos tiveram acesso a armas. Isso é um jogo muito perigoso!

Jair Bolsonaro governa sob uma cortina de fumaça ideológica e o ataque ao PT e a bandeiras da esquerda é o que ainda garante os 30% de popularidade passados os 100 primeiros dias de seu governo. Mas o PT já não está mais no poder e se os indicadores econômicos e de empregabilidade não melhorarem, vai ser difícil governar com ideologia. O mais incrível é que existem setores da esquerda que alimentam esse debate e ficam no ramerrão de troca de farpas, quando a situação é a falta de projetos sociais para o país. Há um único projeto em andamento: o estado mínimo!

Fiz esse preâmbulo porque no plano internacional, por mais que o chanceler Ernesto Araújo seja da linha dos polêmicos, que fazem cortina de fumaça ideológica, não tem como o país saltar para fora dos BRICS. A China, no primeiro trimestre de 2019, importou do Brasil 14.3 bilhões de dólares, enquanto os EUA, que vêm em segundo lugar, importaram menos da metade. É impossível desprezar um parceiro comercial desta magnitude. Quando estive na

China em 2018, como professor visitante, percebi uma incrível possibilidade de crescimento de parcerias com universidades brasileiras e portuguesas não somente para o ensino da Língua Portuguesa e cultura brasileira, mas também para intercâmbios artísticos. Já existem algumas redes de ensino de Português em desenvolvimento, sobretudo graças à dedicação do professor de Coimbra, Carlos André, em Macau. Mas assim como o Brasil, a China é extensa territorialmente e muito mais populosa. Parcerias acadêmicas seriam muito profícuas para ambos os lados.

Relações internacionais se fazem com relações políticas, trocas comerciais e culturais. A área de Linguística e Literatura possui programas e profissionais capacitados a trabalhar para este processo de trocas culturais, por isso, desde que assumimos ANPOLL, temos como meta levar a área para o centro de discussões estratégicas do nosso país. Acreditamos que a área tem muito a contribuir nesse processo de aproximação cultural dos BRICS. A UNEB, inclusive já possui projetos nesse sentido.

Em 2018, a ANPOLL fez reuniões com o CNPq e a CAPES para apresentar suas ideias e propostas de internacionalização, mas isso foi durante a gestão Temer. De lá pra cá, com as mudanças de governo, os projetos se perderam e estamos retomando uma agenda em Brasília para pensar política linguística e de internacionalização da Língua. A área de Linguística e Literatura produz ciência e cultura, temos recursos humanos suficientes para trabalhar com um arco que vai desde as centenas de línguas indígenas que estão se extinguindo nas florestas brasileiras até para pensar estratégias de aproximação cultural entre os BRICS. A cultura é um dos tripés das relações internacionais, juntamente com as relações políticas e comerciais.

**Luiz Lima:** Professor, o Londrix — Festival de Literatura de Londrina, em 2019 completou sua 15ª edição. Este ano o tema do evento foi “Literatura: ecos de resistência”. Para este ano, a proposta sugerida foi promover discussões e mapear os principais eixos de resistência da Literatura no Brasil. O senhor poderia nos falar

como é organizar um evento deste porte e quais os resultados alcançados nessa edição?

**Frederico:** Londrina, onde eu resido, trabalho e crio meus filhos, é uma cidade bastante peculiar. É uma cidade com festivais importantes de música, cinema, teatro, dança, fotografia, contadores de história, entre outros o de literatura. A Universidade Estadual de Londrina tem sido parceira em muitos deles, o que acho excelente para ambos os lados: os produtores culturais, os professores e os estudantes. Todos se beneficiam. Estou no Londrix há uns 10 anos e sinto que ele vem preencher a necessidade de diálogo com escritores que falta nos cursos de Letras, sobretudo, na pós-graduação. Um festival depende basicamente de fundos públicos para sua organização. Londrina é uma das poucas cidades que conta com um Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC), garantido por lei e graças a esses recursos, garantimos a existência do festival. Em 2019, o tema não poderia ter sido outro dada a conjuntura social e política que o país e o planeta vivem. Nesse sentido, voltamos para aquela minha primeira resposta de que a poesia cura. A resistência é um ato de levar a palavra poética a público, criar com isso possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas, provocar uma invenção ativa de si, pela liberdade do pensar, pelos exercícios de resistência aos poderes.

“Literatura: ecos da resistência” trará no eixo de discussão a literatura e temas como a voz da mulher na sociedade, o preconceito racial, tanto indígena quanto negro, a inclusão de portadores de necessidades especiais, o desenho das cidades e suas margens, a imagem como forma de denúncia da exclusão. Entre os convidados confirmados estão: Sérgio Vaz, Lívia Natália, Láu Patron, Carmen Faustino, João Anzanello Carrascoza, entre muitos outros. O festival caracteriza-se por debates sobre temas locais também. Entre eles, gostaria de destacar o que chamo da nova geração de escritores londrinenses, uma geração que deu certo, está fazendo carreira. É importante olhar para isso: vive-se de literatura. Por isso, a primeira mesa é “Como viver de literatura em Londrina?”, que reúne 3

expoentes da geração 00 da literatura londrinense: Felipe Pauluk, Felipe Melhado e Renato Forin.

Bem, o evento acontecerá de 05 a 11 de maio de 2019, os resultados nós teremos como melhor avaliá-los após os acontecimentos. Mas as edições anteriores têm demonstrado o quanto o festival tem sido importante para a cidade em termos trocas culturais e de projeção de Londrina no cenário literário. Temos escritores bastante renomados hoje em dia que tiveram seu acesso à literatura franqueado pelo Londrix. Escolas são visitadas, livros são distribuídos e circulados, escritores visitam tanto a zona rural como bairros periféricos. Ocorre efetivamente uma descentralização da literatura na cidade.

**Luiz Lima:** Como ficam os estudos e pesquisas da Literatura Oral e Popular neste cenário brasileiro atual? Quais os enfrentamentos existentes e caminhos que devem ser efetivados?

**Frederico:** Como já pontuei, há em programas de pós-graduação linhas de pesquisa, disciplinas e pesquisadores que desenvolvem temas ligados às poéticas orais e isso tem feito com que as pesquisas estejam consolidadas no Brasil. Enquanto houver a presença desses pesquisadores, haverá a existência dessas linhas. O problema é que tradicionalmente no Brasil o grosso da pesquisa foi feito com recursos públicos em instituições públicas. Com os cortes que o Ministério da Educação vem sofrendo desde era Dilma, a falta de perspectiva de abertura de novos concursos, a aposentadoria de quadros importantes da universidade, a tendência, por conta do desmonte das universidades, é termos cada vez menos pesquisadores em poéticas orais sendo institucionalizados e isso será drástico para uma subárea que apresentou um significativo crescimento nas últimas 2 décadas.

Por um outro lado, temos um Grupo de Trabalho na ANPOLL que traz uma sistemática muito particular, colocando em diálogo jovens pesquisadores da iniciação científica com pesquisadores muito experientes e renomados. Avalio que as ações do GT de Literatura Oral e Popular têm sido salutares para a permanência e a

formação do quadro de pesquisadores em poéticas orais ao longo dos 20 anos. Essa abertura para participação de estudantes franqueou, além da renovação contínua de quadros, a oxigenação de temas. Consequentemente, conciliamos bem questões indígenas, com hip hop, com questões afro-brasileiras, regionalismos, temas de vanguarda, performance etc. Tudo o que está no escopo da performance e da voz, das poéticas orais trazemos para o debate. Isso abre para uma rede de discussão bastante instigante sobre a poesia e a voz, demonstrando como elas se encontram em conexão: isto é, o que há de comum entre os temas e como podemos pensar uma crítica comum a eles. Por isso, também, os produtos gerados são bastantes volumosos em termos de livros, artigos, acervos. A *Boitatá* já está em sua chamada de número 26, e é a única revista temática em literatura oral e popular do Brasil. Comecei os primeiros números dessa revista pedindo artigos a colegas e hoje acompanho feliz a projeção dela no meio acadêmico do país. Vejo essa revista com toda a dificuldade com que ela é feita, no peito e na raça, por estudantes de pós-graduação, e posso afirmar que ela é parte do grande patrimônio intelectual brasileiro!

Para finalizar minha resposta à sua questão, gostaria de dizer que o tema das poéticas orais é inesgotável e precisamos investir em recursos humanos, ou seja, preparar estudantes e capacitar pesquisadores.

**Luiz Lima:** Nesta mesma entrevista, o senhor faz uma menção a uma iniciativa que visa fazer um levantamento sobre a saúde mental de professores e pesquisadores que atuam na pós-graduação em Língua Portuguesa no Brasil. Do que consiste de fato este levantamento e como vem se desenvolvendo de lá até este momento?

**Frederico:** Então, quando estava falando de recursos humanos na resposta anterior, quando saio para fora do país, vejo universidades com excelentes laboratórios, infraestrutura impecável, eu penso: o que segura as universidades brasileiras entre as melhores no *ranking*? A única resposta para isso é: os recursos humanos. Temos um corpo de pesquisadores de primeiro mundo, que está ado-

ecendo e abrindo mão da pesquisa e da pós-graduação porque não aguenta a pressão produtivista. Por outro lado, cabe indagar se esse produtivismo pelo qual somos avaliados realmente tem levado a um crescimento da ciência. Quando estamos acompanhando bons profissionais, que levam a sério suas pesquisas, que cuidam de suas disseminações e vimos estes profissionais deprimirem, quando vimos que estas tensões chegam a atrapalhar a convivência coletiva, quando os colegas abandonam seus trabalhos ou desenvolvem um quadro de doenças psicossomáticas isso significa que já passou da hora de fazermos vista grossa e achar que não tem nada a ver com a gente.

Enquanto Associação, a ANPOLL resolveu fazer um levantamento na área. Trata-se de um levantamento de dados: queremos saber os números na pós-graduação de professores que estão sofrendo com o quadro doenças causadas pelo excesso de trabalho. Para tanto, fizemos parcerias com grupos de especialistas da área da saúde, da UEL e da UENP, que têm *know-how* neste diagnóstico e estão fazendo um levantamento com os programas filiados da ANPOLL. A pesquisa, num primeiro momento, está sendo feita apenas com docentes, mas queremos estendê-la, e isso é possível, para os estudantes. No momento, foram encaminhados os questionários. As respostas são totalmente sigilosas e nós esperamos, com isso, apresentar não apenas um diagnóstico, mas também sugestões para encaminhamentos dos problemas identificados na saúde. Já em nosso Encontro Nacional da ANPOLL que acontecerá em Maringá entre os dias 26 e 28 de junho, teremos uma oficina e uma mesa-redonda com esse tema. Entendemos que atuar para a melhora da qualidade da saúde do pesquisador irá gerar uma melhora na qualidade de trabalho e, conseqüentemente, a área terá uma produção melhor e mais digna.

**Luiz Lima:** Neste contexto da saúde mental, estamos diante de um avanço tecnológico grandioso. As mídias sociais e seus dispositivos de acessibilidade e controle estão na linha discursiva e de preocupação de educadores, gestores educacionais e profissionais que cuidam da saúde mental da população. Como educador e uma

das maiores referências no Brasil na pesquisa da Literatura Oral e Popular, quais os perigos, cuidados e posturas que temos que seguir para fortalecer e consolidar a Literatura Oral, no sentido também de colaborar para uma melhor saúde mental e bem-estar da população brasileira?

**Frederico:** Essa pergunta me fez lembrar minha última aula, quando discutia Walter Benjamin com meus alunos. Tentando atualizar sua máxima de que a narrativa estava morta, eu dizia que a narrativa morria no “falso gozo do sorriso de uma *selfie*”. Os alunos ficavam me olhando sem saber muito bem o que era este falso gozo. E eu dizia a eles: eu me refiro ao sujeito que ri para o celular, mas que no fundo não consegue se conectar com seu próprio sorriso, e projeta sua imagem nas redes sociais como senhor de um prazer incomensurável. Quando vocês riem para uma *selfie* estão conectados com o próprio riso? Vocês são verdadeiros? Vivemos, assim, num labirinto de imagens e de mensagens, sem um fio de Ariadne para nos guiar e é aí que clamo pelo narrador benjaminiano, pela poesia da cura da qual eu falava na primeira questão. É preciso aprender a ouvir aqueles que possuem autoridade para falar, ensinar os alunos a ouvir, entender o que é tradição e vivenciá-la, desde as ruas, os bairros, as escolas, as famílias... Aprender com as narrativas artesanais, aprender a ouvir é parte fundamental para aprender a narrar. As redes sociais do mundo digital nos seduzem a criar falsas narrativas de si, já as narrativas orais geralmente são apreendidas como experiências, tomadas como uma forma de conhecimento prático, como um aprendizado ou de sabedoria. Por isso, elas cuidam, elas dão direção, dão rumo ao sujeito. Repito, não vejo nas poéticas orais um caráter salvacionista, mas curador, o que são duas coisas bem distintas. A salvação pressupõe uma atitude passiva, daquele que espera ser salvo num mundo em que quase todas esperanças já se foram. A cura está pressupondo uma ação em meio a conflitos e tensões. A cura tem uma postura de fazer algo de agir por alguém em meio a um mundo doente.

Desde meu primeiro livro, de 2002 *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira* (Edunesp), eu venho chamando aten-

ção para a necessidade de aprendermos a ouvir. E de lá para cá, eu tenho participado de muitas bancas e lido muitos livros sobre poéticas orais que têm demonstrado que esta prática tem sido bastante exitosa nas pesquisas em Literatura. Mas eu penso em ir além, gostaria de uma metodologia de ensino de literatura para o ensino fundamental e médio que tivesse como princípio a dimensão performática, a tradição, o ouvir e uma quarta que fosse a leitura escrita, sem uma ordem de superioridade entre elas. Acredito que esse seja um dos principais desafios que temos adiante: pensar a oralidade na educação a partir de uma metodologia de ensino leve em conta as particularidades da oralidade.

**Luiz Lima:** Finalizando, o que gostaria de encaminhar para comunidade acadêmica e científica, complementar ou deixar bem ressaltado para este momento que o país atravessa?

**Frederico:** Resta-nos olhar para o horizonte. Seguir adiante, não há outro curso a se tomar. Somos brasileiros, educadores, cientistas, pesquisadores da área de Linguística e Literatura, pesquisadores das poéticas orais. Outro dia enquanto trabalhava na organização do evento de Maringá com uma colega, ela soltou sem querer: “falar virou risco!” Eu fiquei com essa frase, que para mim marca bem o momento em que estamos passando na atual conjuntura. O risco do falar, seu rabisco; o falar riscado, censurado; mas também o falar é risco, é perigo de vida! Esse jogo de palavras que já fazia Augusto e Cid Campos, em 1995, com *Poesia é Risco*, ele é o emblema do que vivemos em nosso mundo social na atualidade: a capacidade de criação, a censura, a explícita ameaça. Na verdade, a área de Linguística e Literatura parece viver constantemente sob esse paradigma. Fazemos uma ciência capaz de pensar as temporalidades, nosso fazer científico prioriza sujeitos históricos. Por isso, a Inteligência Artificial pode ser considerada a musa dos cientistas inovadores, mas pode ser, para nós, tida como um verdadeiro Darth Vader. É nesse embate que, na universidade, fazer ciência, para nós, significa, não raras vezes, colocar em xeque a superioridade da “ciência positiva”, a qual encontra respaldo na utopia de uma sociedade onde reina a *eunômia*, assegurada pelo avanço da técnica.

Pois somos nós, da Linguística e da Literatura, que nos colocamos em risco para alertar que a ciência positiva que constrói é a mesma que pode extinguir a raça humana e a vida no planeta.

Eu exemplifico: a bomba atômica é fruto de muitas pesquisas científicas, venceu o Nazismo, mas os mísseis atômicos dos dias atuais exigem uma constante vigilância crítica e moral. Eles estão a serviço de qual ordem do poder? O que representam? Para onde simbolicamente apontam? Entre a técnica que os produz e a crítica que os impede que de fato sejam lançados contra as pessoas, há duas faces distintas de um conhecimento operando ali, são elas que compõem o retrato da humanidade.

Nossas pesquisas são alguns desses pixels de um dessas faces, a humanidade só consegue olhar para o horizonte de frente, não apenas com um dos lados, mas de frente, usando os dois olhos. E ênfase: ela precisa dos dois olhos para ver seu futuro. Logo, aniquilar a face crítica, como ameaça fazer o governo atual, é condenar a ciência positiva a uma danosa cegueira.

[Recebido: 1 ago. 2019 — Aceito: 5 out. 2019]